

MOBILIZAÇÃO #Jovens2030

CONSULTA PÚBLICA: A CSF DE SOPHIA E AS LMAT ASSOCIADAS

1. Proteção dos Solos e Futuro Rural

Sem solos férteis não há futuro para as comunidades rurais. A transição para energias renováveis é essencial, mas não pode destruir a base da nossa subsistência: a terra produtiva. A Central Sophia, apesar de contribuir para a descarbonização, ameaça 3.500 hectares de solo fértil, gera desequilíbrios ecológicos e coloca em risco habitats essenciais. As comunidades precisam de investimento coerente com os princípios do desenvolvimento — agricultura sustentável, negócios locais, oportunidades para jovens — não de projetos que empobrecem o território. Defender os solos é defender o futuro e garantir que as próximas gerações tenham um lugar onde viver e prosperar.

2. Energia Renovável com Justiça Social

Queremos um futuro onde desenvolvimento económico, ambiental e social caminhem lado a lado. A energia renovável é parte da solução, mas não pode avançar à custa da destruição do solo fértil e das vidas que dele dependem. A Central Sophia cria microclimas artificiais, altera ecossistemas e compromete a biodiversidade local. Jovens agricultores e pequenos produtores perdem oportunidades quando 3.500 hectares produtivos são sacrificados. Uma transição energética justa investe nas pessoas, no território e no emprego digno — não na expropriação silenciosa. Proteger os solos é proteger o futuro das comunidades.

3. Território Vivo, Comunidades Fortes

O equilíbrio entre clima, economia e sociedade começa no solo que pisamos. Os painéis solares em larga escala da Central Sophia criam sombras persistentes, alteram a humidade e prejudicam a vida microbiana essencial para a saúde dos ecossistemas. Ao destruir terra fértil, impede-se o surgimento de novas oportunidades e afasta-se a juventude que quer permanecer no território. Solos saudáveis são um investimento no futuro: capturam carbono, sustentam biodiversidade e alimentam economias locais. A verdadeira ação climática respeita quem vive e trabalha a terra.

4. Pela Defesa de 3.500 Hectares de Terra Produtiva

A perda de 3.500 hectares de terra agrícola é um ataque direto à segurança alimentar, ao empreendedorismo jovem e à vitalidade das comunidades rurais. Não podemos aceitar que um mega-projeto energético, que pouco devolve à população, destrua aquilo que gera vida e oportunidades. Investir em agricultura biológica, turismo regenerativo e economia local é muito mais eficaz para o desenvolvimento sustentável. A transição energética só é justa quando fortalece o território — nunca quando o enfraquece. Proteger o solo fértil é proteger a dignidade das comunidades e o seu direito a permanecer.

5. Cidadania Global Começa no Solo

A participação das comunidades é fundamental em qualquer decisão que afete o território. No entanto, o processo de consulta pública da Central Sophia tem sido marcado por informação pouco clara e de difícil acesso para muitos cidadãos. Quando os documentos são complexos ou não estão organizados de forma compreensível, torna-se difícil para a população avaliar adequadamente os impactos do projeto. A capacidade de interpretação crítica e interrelacionar temas e causas é essencial para a promoção de uma cidadania ativa e crítica, um pilar da democracia. E cuidar dos solos é exercer cidadania global. A Central Sophia, ao degradar ecossistemas e criar desigualdade, contraria o princípio de uma transição energética justa. Solos saudáveis sustentam comunidades, capturam carbono e promovem resiliência climática. Os jovens, aqui e em todo o mundo, exigem um futuro digno e um território vivo. É nosso dever defender cada hectare de terra fértil — porque é nele que nasce o alimento, a biodiversidade e a esperança de gerações futuras. Energia renovável sim, mas nunca à custa das pessoas e da vida no território.